

Zero-a-Seis *06*

RACISMO E INFÂNCIA: INTERSECÇÕES DE RAÇA, CLASSE SOCIAL, GÊNERO E IDADE NA CRECHE

Racism and childhood: intersections of race, social class, gender and age in the nursery

Nélia Aparecida da Silva **CAVALCANTE**
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP
Faculdade de Educação
Campinas, Brasil
neliaa2004@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5303-2597> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



SANTIAGO, Flávio. **Eu quero ser o sol!** Crianças pequeninhas, culturas infantis, creche e intersecção. 2ª edição. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021. 165 p.

RESUMO

Chega a segunda edição o livro que é resultado da pesquisa de doutorado de Flávio Santiago, tendo como tema a análise de como as interseções entre raça, gênero, classe social e idade perpassam a infância das crianças negras e não negras pequeninhas na creche. Nesta resenha são apresentados de forma comentada os capítulos do livro, enfocando os conceitos pesquisados, finalizando com a sugestão de novos aportes para pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Infâncias. Relações étnico-raciais. Relações de gênero.

ABSTRACT

The book that results of Flávio Santiago's doctoral research has just arrived at the second edition. It has as its theme the analysis of how the intersections between race, gender, social class and age permeate the childhood of small black and non-black children in daycare. The book chapters are commented on in this review, focusing on the researched concepts, ending with the suggestion of new contributions for future research.

KEYWORDS: Intersectionality. Childhood. Ethnic-racial relations. Gender relations.

INTRODUÇÃO

Layla (menina negra pequeninha) quer ser o sol, brilhar! Transcende os aportes das práticas racistas que marcam as subjetividades das meninas negras com artefatos do racismo e sexismo durante os ensaios e na apresentação da peça. Ela pode ser a responsável por fazer as flores crescerem durante a primavera, tomando em suas mãos a produção da vida, desarticulando as amarras da colonialidade que marcam as crianças negras pequeninhas desde o nascimento. (SANTIAGO, 2021, p. 131).

Este trecho do livro de Flávio Santiago, *Eu quero ser o sol: crianças pequeninhas, culturas infantis, creche e intersecção*, apresenta o protagonismo das crianças negras pequeninhas na creche como mote para a discussão a respeito de como a intersecção entre classe social, gênero, raça e idade determina as formas de organização das relações interpessoais entre as crianças, destas com os/as adultos/as, bem como a forma como os adultos e as adultas interpretam as relações infantis, assim como suas produções de cultura.

Flávio Santiago, criancista e criancólogo, pesquisa as infâncias nas creches tendo como foco a análise de como as intersecções de gênero, classe social, raça e idade perpassam as relações estabelecidas entre as crianças pequeninhas nas instituições de Educação Infantil. É pedagogo, formado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mestre e doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, no momento, cursa o pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). É pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociologia da Infância e Educação Infantil (GEPSEI) da Faculdade de Educação da USP. Ativista dos movimentos sociais relacionados as temáticas étnico-

raciais bem como da garantia de direitos da população brasileira. Durante seu curso de doutoramento, foi uma das importantes vozes que militou junto ao movimento estudantil da universidade para a aprovação de cotas para estudantes negros e indígenas no Programa de pós-graduação em Educação da Unicamp, defendendo acirradamente a necessidade deste mecanismo de reparação histórica para a busca da equidade de oportunidades a estas pessoas nas instituições públicas de ensino superior em todos os seus âmbitos. Flávio é uma daquelas pessoas imprescindíveis, de quem nos fala Bertold Brecht, mostrando sempre seriedade e comprometimento em relação à pesquisa e à importância de compartilhar seus conhecimentos com professoras e professores, problematizando e intervindo nas práticas machistas, racistas, misóginas que vivenciamos em nossas unidades escolares muitas vezes.

No momento atual em que a sociedade vivencia, com um governo de ultradireita comandando o país e que parece ter dado aval para que toda e qualquer atrocidade seja legitimada no Brasil, uma criança negra querer ser o sol, ou seja, querer brilhar, é um ato ousado, quando tantas outras¹ e tantos outros têm suas vidas abreviadas pela violência que impera sem medida na sociedade, seja esta policial ou estrutural quando uma patroa deliberadamente coloca uma criança de 5 anos em um elevador e aperta o número de um andar qualquer para a criança, filho da empregada, “dar sossego” enquanto ela faz as unhas.

Denunciar as formas de “violência” que são cometidas nas instituições de Educação Infantil por adultos/as que reinterpretem as linguagens infantis de forma distorcida é um dos objetivos do livro *Eu quero ser o Sol! (Re)interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0-3 anos em creche*, que chega ao público em segunda edição no ano de 2021, publicado por Pedro & João Editores. A tese que deu origem a este livro foi indicada ao prêmio de melhor tese do ano pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo Programa de pós-graduação em Educação da UNICAMP. A obra busca descolonizar o nosso olhar para perceber que as crianças pequenas negras, apesar de todo o sistema de opressão em que vivem, bem como as diferentes formas de racismo que sofrem, querem ser o sol, almejam brilhar, ainda que o contexto não as favoreça.

¹ Tal como Marcus Vinícius, a quem o autor oferece esta obra, além de Agatha, Maria Alice, Ítalo, Kauã, Lucas Miguel...

Os estudos de Joice Berth (2018) trazem importantes questionamentos e reflexões em torno do empoderamento das pessoas negras, entendendo este processo como um ato político, necessário se queremos uma sociedade mais igualitária. Da mesma forma, Flávio Santiago nos leva a vislumbrar outras possibilidades de exercer uma nova práxis na Educação Infantil, a partir de uma formação continuada dos/as profissionais que atuam com estas crianças dentro de uma mudança de paradigma sobre a forma como são percebidas socialmente e, principalmente, no contexto da creche. Trazer este tema para as formações de docentes no chão da creche, pode trazer muitas contribuições para a construção da identidade social, pertencimento e empoderamento das meninas negras e meninos negros pequeninhas/os nas unidades de Educação Infantil.

Entender a autoavaliação de si mesmo e, principalmente, conseguir detectar aquilo que o sistema conseguiu adular em nós mesmos é um ato político importante. É lavar-se de toda a carga violenta e limitadora que o sistema de opressão e dominação conseguiu implantar em nosso amago. (BERTH, 2018, p. 119).

Neste sentido, a obra, elaborada durante o período pós-golpe de estado ocorrido no país em 2016, quando retiraram uma mulher presidenta do poder sem provas de crime passível de *impeachment*, é uma escrita corajosa e denunciadora das diferentes formas que o racismo estrutural e institucional, que sempre existiram na sociedade brasileira e passam a ser naturalizadas, produzindo cada vez mais situações de discriminação, racismo, machismo e fascismo no país.

Tendo como ponto de partida ser uma pesquisa antifascista, antirracista, antimachista e antiadultocêntrica e embasada em uma perspectiva teórica decolonial, o texto ajuda a desmistificar as formas como os adultos e as adultas docentes nas instituições de Educação Infantil percebem nuances e contrapontos nas relações entre os/as meninos/as negro/as e branco/as estabelecidas durante a convivência na creche. Este é um passo importante para que as pessoas que atuam com estas crianças consigam perceber a intencionalidade de suas ações e de como estas, ainda que inconscientes, afetam a construção das identidades das crianças de 0 a 3 anos desde sua entrada na creche. Este é, sem dúvida, uma das principais contribuições, senão a principal, que esta obra traz para a se pensar a oferta de uma educação emancipadora, de qualidade social e humana nas instituições de Educação Infantil.

A pesquisa de cunho etnográfico ocorre em um Centro de Educação Infantil (CEI) da cidade de Campinas, no interior de São Paulo, onde o pesquisador passou um ano imerso em sua rotina, observando e participando das atividades vivenciadas pelas

crianças e suas docentes em duas turmas de 0 a 3 anos. O autor conta que foi à creche todos os dias da semana, em seus dois horários de funcionamento para interagir com as crianças no espaço da instituição. Flavio Santiago aproximou-se da proposta de William Corsaro (2011), que procurou constituir-se como “adulto atípico”, ou seja, uma criança grande, participando das ações dos meninos pequeninhos e das meninas pequeninhas como um deles, não cerceando ou delimitando as suas ações, atos e brincadeiras, fazendo parte destes. Essas estratégias possibilitam a percepção da importância das produções infantis como momentos em que a criança é, ou está sendo, ao contrário da concepção de vir-a-ser que os adultos e as adultas geralmente parecem conceber a infância.

A forma como o autor se configura dentro do processo de pesquisa com as crianças, apresenta uma concepção poética, mas ao mesmo tempo realista e objetiva do seu papel como pesquisador. Os relatos demonstram um profundo respeito que se tem para com todos e todas envolvidos/as no processo de educação das crianças na creche, seja com as professoras e com a equipe gestora, mas principalmente com as crianças. Esse processo e chegar aos resultados só foi possível graças ao desenvolvimento de uma escuta sensível das crianças pequenas.

No prefácio, Ana Lúcia Goulart de Faria ressalta o papel de Flávio Santiago junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC - Linha Culturas Infantis), onde sempre teve um grande protagonismo na elaboração de atividades e escrituras de obras em defesa de uma infância descolonizadora. A segunda edição traz a apresentação de María Isabel Mena, professora que ressalta que não há novidade em dizer que as crianças negras enfrentam problemas nas instituições educativas. Segundo Mena, Flávio Santiago mostra que essa realidade é reeditada para poder sustentar o tempo atual. Tempo de retrocessos, de retirada de direitos, de necropolítica.

Já no primeiro capítulo, Flávio Santiago chama atenção para descolonizar o olhar para as infâncias ao narrar sua entrada em campo. De forma poética o autor vai ao longo do capítulo nos situando no ambiente da creche, nas relações com as crianças, contando as conquistas, como se aproxima e ocupa espaço junto aos/as pequenos/as e às/aos professoras/es.

A maneira firme, educada e respeitosa com que Flávio Santiago se coloca diante das professoras, explicando que seu papel ali não é o de ajudante, mas o de observador participante das ações com as crianças pequeninhas, trazem à baila caminhos aos novos pesquisadores e às novas pesquisadoras para a atuação no campo.

A pesquisa realizada partiu das anotações e observações captadas neste ano de incursão na creche e registradas no caderno de campo do pesquisador, que aliadas com as teorias interseccionais dos estudos de bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e Carla Akotirene - entre outras autoras negras -, permitiram a construção das análises do pesquisador em relação as questões de classe social, gênero, raça e idade e suas repercussões nos cotidianos das instituições de Educação Infantil.

No segundo capítulo, *Inquietações de um pesquisador branco: relações raciais e de gênero e culturas infantis*, é construída uma reflexão a respeito das relações de gênero dentro de uma perspectiva interseccional. O autor explica que as relações de classe social, gênero, raça e idade se entrecruzam em um processo único de subjetivação dos sujeitos e das sujeitas na pesquisa.

Pesquisar as culturas infantis e os marcadores sociais de raça, gênero e classe que se interseccionam exige uma desconstrução contínua e abertura para pensar a respeito dos racismos, dos moralismos, do sexismo, da desigualdade de classe que forjam processos de diferenciação para justificar as desigualdades. [...] Como a creche é fundada em um solo plural, o método de construções interculturais nesse contexto é motor de transformação que contem em si uma intencionalidade pedagógica, tomando como guia uma gama de valores que não se reduz aos da liberdade individual e da representatividade dos grupos a cerca dos quais o discurso multicultural gira (SANTIAGO, 2021, p. 81-82).

Neste capítulo, as relações estabelecidas na unidade educacional são discutidas a partir dos estudos feministas, como o papel da masculinidade nas relações com as crianças, por exemplo. Flávio Santiago explica que essas relações são permeadas pela autoridade. Também as formas como as famílias se organizam para levar as crianças à creche são objeto de análise. O autor percebe que essa organização é perpassada por relações sociais de trabalho: os homens, que geralmente trabalham fazendo “bicos”, levam as crianças para o Centro de Educação Infantil enquanto as mães, que geralmente entram cedo no trabalho, as buscam. Flávio Santiago nos presenteia com sua maneira sensível e bem fundamentada de analisar o cotidiano.

O texto traz uma observação muito interessante sobre a constituição de gênero a partir do uso de uma camisa rosa vestida por Flávio, considerada pelos meninos como cor de menina. Quais concepções as crianças são impregnadas desde pequenas pelos mecanismos sociais? Rosa de menina? Azul de menino? Quem as ensinou a pensar assim? Ou melhor, como elas interiorizam tão cedo estes conceitos sociais limitadores?

Outro conceito abordado neste capítulo e, também, ao longo do livro é o de branquitude, onde a todo momento é colocado como bom, perfeito e aceitável a cultura e as coisas dos brancos e das brancas em detrimento do ser negro. Exaltam-se os

cabelos “domados” das meninas, as roupas e os comportamentos e execra-se toda e qualquer ação masculina tipicamente negra, tida como violenta, anormal, fora do esperado e que deve ser contida.

[...] as percepções da infância em nossa sociedade são pautadas, em inúmeras vezes, experiências do que é ser uma criança branca. [...], estas percepções são alicerçadas pela estrutura de distorções e desigualdades que envolvem a população negra brasileira, estando os meninos negros e as meninas negras em inúmeros momentos interditas/os do direito ao cuidado, ao afeto, ao acesso aos bens econômicos, simbólicos e culturais (SANTIAGO, 2021, p. 112).

Esta discussão ganha cor, forma e nome no terceiro capítulo “*Olhares para a infância: os feminismos negros questionam a branquitude*”, quando Santiago discute o que é ser mulher negra na sociedade e qual papel esta ocupa desde a infância.

[...] Na base dessa contradição perdura uma questão essencial acerca dos direitos humanos: a prevalência da concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros, o que, conseqüentemente, leva a naturalização da desigualdade dos direitos. Se alguns estão consolidados no imaginário social como portadores de humanidade incompleta, tornar-se natural que não participem igualmente do gozo pleno dos direitos humanos. (CARNEIRO, 2011, p. 15)

O leitor e a leitora são instigados no momento em que o autor faz o relato de uma criança que diz que a boneca negra não precisa ser ninada porque “ela é preta, se vira sozinha” (SANTIAGO, 2019, p. 99). E a boneca branca ela autoriza a ninar. Esta constatação vinda de uma criança pequenininha nos instiga a pensar: qual o papel da mulher negra na sociedade? Como ele é percebido por uma criança tão pequena ao ponto de ser determinante para ela definir quem pode ou não ser acalentada e cuidada? São pontos instigantes e até chocantes que levam a pensar como estão as relações nas instituições de Educação Infantil para com as crianças brancas e negras?

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacia branco nesta sociedade a naturalização de imagens específica da mídia de massas, representação de raça e negritude que apoiam e mantem a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. Muito antes da supremacia branca chegar ao litoral do que hoje chamamos de Estados Unidos, eles construíram a imagem da negritude e de pessoas negras que sustenta e reforça as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seus desejos de dominar, escravizar. Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema racial (hooks, 2019, p. 33).

Conforme as colocações de bell hooks² (2019) a respeito de como as imagens sobre as pessoas negras e suas necessidades emocionais, sociais entre outras são construídas e perpetuadas na sociedade, o autor faz outro relato que leva à

² A pesquisadora americana bell hooks, sempre solicita que seja citada no diminutivo, pois considera sua pesquisa, luta e militância mais importantes do que a sua pessoa.

continuidade da reflexão iniciada, a interpretação de uma docente a respeito das relações entre casais de crianças brancas e negras e sobre a forma como a masculinidade negra, é considerada neste contexto. No episódio, a docente narra a relação entre duas crianças brancas em que o menino batia na menina, como algo naturalizado e que poderia sugerir afeto entre as crianças. Já quando a mesma situação acontecia entre duas crianças negras, era considerada um reflexo de violência vivida fora da instituição e que deveria ser coibida. Discute-se, também, como as crianças pequenininhas brancas são melhores cuidadas e recebem mais atenção e afeto do que as negras o que se reflete na fala inicial da criança de que por ser negra, a bebê se vira sozinha.

Nas considerações finais, *Desenhando inquietações para novas pesquisas*, Santiago deixa pistas para novos pesquisadores e novas pesquisadoras da temática instigando-os a discutirem temas como: branquitude e culturas infantis; analisar os movimentos ultraconservadores no interior das creches; aprofundamento das leituras marxistas sobre a infância a luz dos pensamentos decoloniais e descolonizadores; as escolhas afetivas no brincar e as relações entre a família e a creche são alguns destes temas por ele apontados. São temáticas que perpassam a infância, escapam ao olhar dos e das docentes, reproduzindo de forma não assertiva nas relações destes e destas com as crianças e fazendo com que estas tenham uma percepção de seu lugar no mundo de forma distorcida, colonial.

Esta obra deste jovem pesquisador, faz jus a um texto-denúncia necessário no momento social vivenciado de tantos desmanches e ataques às mulheres, aos negros e negras, à população LGBTQI+, às infâncias. Urge denunciar toda forma de segregação racial, social, de classe e gênero que perpassa a sociedade e isto foi feito de forma magistral.

No momento em que a sociedade mundial passa por uma pandemia, que tem cerceado vidas, ao mesmo tempo em que temos a ascensão da ultradireita conservadora aos postos de governança em diversos países do mundo, trazendo em seu bojo toda forma de discriminação das minorias - racismo, machismo, fascismo -, percebemos como crescem as ações dos/as "cidadãos/ãs de bem" contra aqueles/as que eles consideram inferiores na escala social e, por isso, não merecedores/as de qualquer possibilidade de humanidade. Com isto temos as mortes das crianças negras por balas perdidas que sempre encontram os corpos negros; morte de um jovem negro há cada 23 minutos no país por uma polícia despreparada e genocida; morte de pessoas negras por espancamento ou asfixia cujos/as agentes são seguranças de

supermercados ou policiais que lhes “tiram o ar”, não os deixando respirar. E ao mesmo tempo eclode em todo o mundo ações de protestos pelas vidas negras, encabeçadas por cidadãos/ãs, negros/as e brancos/as antirracistas.

Quando Santiago tem a coragem de apontar que estas relações racistas se iniciam na creche, ele faz com que tenhamos a real dimensão da necessidade urgente de uma educação antirracista. É preciso educar nossas crianças desde a creche para o respeito a todas as pessoas, tenham a cor que tiverem. Precisamos educar os/as docentes para entender que a criança negra necessita de tanto carinho e atenção quanto a criança branca. Que ela não “se vira sozinha” e que percebe e sente esta diferenciação.

Neste sentido, esta obra é fundamental para a formação inicial e continuada de professores/as de toda educação básica, pois não é apenas na creche que situações como estas apresentadas no livro se perpetuam. É preciso descolonizar o pensamento dos/das docentes. Não é possível que se continue a educar as crianças, adolescentes e jovens para repetir o padrão da sociedade que exclui aqueles e aquelas que não são considerados/as pertencentes a esta, bem como cidadãos e cidadãs de direito.

Urge a necessidade de ampliação do diálogo, da descolonização de toda forma de relações sociais e o caminho parece ser através da educação. E, neste contexto, as universidades e os cursos de formação precisam pautar estas questões realizando os debates necessários para a transformação dos paradigmas que marcam a formação de professores e de professoras. É preciso uma pauta antirracista nestes espaços, com pessoas que se comprometam a busca das mudanças necessárias para que a escola, a partir da infância, se transforme em um local, de verdadeira educação cidadã, de valorização do direito de todas, de todos e de todes.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

RACISMO E INFÂNCIA: INTERSECÇÕES DE RAÇA, CLASSE SOCIAL, GÊNERO E IDADE NA CRECHE

Racism and childhood: intersections of race, social class, gender and age in the nursery

Nélia Aparecida da Silva Cavalcante

Mestre em Educação
Universidade Estadual de capinas- UNICAMP
Faculdade de Educação
Campinas, Brasil

neliaa2004@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5303-2597>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Humberto de Campos, 03, Vila castelo Branco, Campinas, CEP 13061-271, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: N. A. S. Cavalcante

Coleta de dados: N. A. S. Cavalcante

Análise de dados: N. A. S. Cavalcante

Discussão dos resultados: N. A. S. Cavalcante

Revisão e aprovação: N. A. S. Cavalcante

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 30-11-2020 – Aprovado em: 21-01-2021